

Música é ferramenta de conscientização em escola da Vila Curuçá

Natália Scarabotto
Nelson Donato
especial para o Diário

Alunos da Emeief (Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental) Maria da Penha Manfredi, localizada na Vila Curuçá, em Santo André, utilizam a música como uma das principais maneiras de conscientizar a população sobre o mosquito *Aedes aegypti*, transmissor da dengue, febre chikungunya e zika vírus.

Com pandeiros, tambores e muita potência na voz para cantar as letras inventadas durante as aulas, cerca de 200 crianças, estudantes da Educação Infantil até o 5º ano do Ensino Fundamental, fizeram passeata pelas ruas da Vila Curuçá, na quinta-feira.

A ação é parte do projeto Santo André & Os Agentes Contra o Aedes, fruto de parceria entre as secretarias municipais de Educação e Saúde que conta com apoio do Diário.

A empolgação da criançada era tão grande que nem o calor daquela tarde a desanimou. “Está muito divertido. As músicas ajudam a deixar mais legal e as pessoas prestam mais atenção na mensagem que queremos passar”, contou Isabela Siqueira, 7 anos.

Além da cantoria, os estudantes levaram faixas e cartazes e distribuíram panfletos para orientar os moradores do bairro. “É muito importante falar de como prevenir o mosquito para as pessoas. As doenças que ele passa são tristes e atingem até os bebês (no caso da microcefalia, que pode ter ligação com o zika vírus)”, afirmou João Victor Borges, 10.

Antes de ir para a rua, os estudantes realizaram atividades de pesquisa, seminário e mural durante as aulas. Todo o conhecimento adquirido nessa fase foi importante para conscientizar os vizinhos. “O mais legal de aprender foi sobre as doenças e que é o mosquito fêmea quem pica. Também aprendi que alguns sintomas da dengue são dores de cabeça e no corpo”, afirmou Letícia Marsoli de Moura, 10.

“Foi a primeira grande mobilização do tipo realizada pela instituição de ensino e os alunos aderiram à causa. Eles mergulharam de cabeça no projeto. Todas as salas de aula se

envolveram nas atividades”, afirmou a assistente pedagógica da Emeief, Patrícia Mazur de Lucca.

Que ações seriam realizadas foi uma decisão dos próprios alunos, de acordo com a educadora. “Os representantes de cada sala se reuniram no conselho-mirim e, junto com as professoras, discutiram as atividades que queriam fazer e passaram para os demais colegas.”

Ainda de acordo com Patrícia, ações de combate à dengue são importantes porque “muitas crianças são de outras comunidades e eles acabam espalhando as informações sobre os riscos e também da prevenção para a família e amigos de lá”.

Apostila ajuda alunos a ter mais informações sobre a dengue

Em tempos em que a internet é vista pelos alunos como uma das principais fontes de conteúdo didático, as tradicionais apostilas demonstram que podem ajudar no ensino e na conscientização. É assim que os estudantes da Emeief José do Prado Silveira, no bairro Sacadura Cabral, em Santo André, têm estudado as maneiras mais eficazes de combater a proliferação do *Aedes aegypti*, mosquito transmissor da dengue, febre chikungunya e zika vírus.

O material foi desenvolvido graças a pesquisa feita pelos estudantes que, após levantarem informações a respeito do vetor das doenças, levaram até a professora Karla Grazielle Garcia Casanova, que montou a sequência de atividades.

Segundo a educadora, o resultado não poderia ter sido melhor. Além do bom desempenho na resolução dos questionamentos, as crianças desenvolveram senso crítico e propagaram o que aprenderam em suas vizinhanças. “Os alunos estão engajados. Eles têm muito interesse e vontade de colaborar e se informar sobre o assunto.”

O próximo passo da iniciativa é sintetizar as principais informações contidas na apostila em um panfleto, que será distribuído pelas ruas do Sacadura Cabral. “Quando tivermos este material em mãos, minha turma e eu sairemos pelas ruas do entorno da escola para fazer a panfletagem. Se tudo der certo, iremos até a feira que acontece no bairro para conscientizar as pessoas e também para comer pastel.”

Além das atividades realizadas na escola, os estudantes têm aplicado o conhecimento assimilado onde moram. A aluna Maiara de Jesus Lima, 10 anos, conta que, junto com suas amigas, produziu folheto que distribuiu nas redondezas de sua casa. “Decidimos

ajudar a vizinhança, então, junto com panfleto, entregamos a semente de uma espécie de flor que atrai libélulas, que são predadoras do *Aedes aegypti*.”

Apesar da boa vontade, Maiara conta que sofreu represálias dos vizinhos. “Depois que distribuímos (os panfletos), jogaram água e frutas em nós. Mas não vamos desistir.”

O estudante Rick Jerônimo, 10, detalha que precisou improvisar para destruir um possível foco do mosquito. “Em frente à minha casa tem uma caixa-d’água destampada. Como a tampa é muito pesada para empurrar, joguei cloro na água que tem ali para não deixar o *Aedes (aegypti)* colocar os ovos. Estou gostando muito de participar deste projeto.”